



GOSTUMES DO MINHO

(Phot. de Marques Abreu)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno, 2\$400.

Semestre, 1\$200. Trimestre, 600 rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador
acresce o importe das despesas.

Extranjeiro — Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis

Numero 128

Braga, 11 de dezembro de 1915

Anno III

Ornamentos d'Egreja da Casa Estrella

Officinas d'Esculptura e Talha Religiosa, em madeira, marfim e massa (Fundada em 1874)

A CASA ESTRELLA é a fornecedora das principaes casas congeneres no estrangeiro

Depositos de imagens, oratorios, castiçaes, ramos, custodias, calix, lampadas, lustres, etc. etc. e de todos os objectos do culto divino desde os mais simples aos mais luxuosos



Specimen de uma esculptura em madeira executada nas nossas officinas

PORTO — Rua do Bomjardim, 85 a 89 e Rua de Santo Antonio, 59 a 63

GUARDA = Representante e depositario — CASA SUCENA
Rua Heliodoro Salgado

Peçam o nosso catalogo illustrado com 143 gravuras. (Pede-se uma visita ás nossas officinas e depositos de vendas)

Aos nossos trabalhos foram concedidos os mais altos premios nas exposições
Industriaes Portuguezas de 1887 e 1897



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela.

Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 11 de dezembro de 1915

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 128—Anno III



O infante D. Henrique

Trabalho de Simões d'Almeida, (sobrinho) que figurou na exposição realizada na Escola das Bellas Artes em Lisboa.
Este bello trabalho artistico foi o que obteve o 1.º premio.

Chronica da Semana



Mal de muitos, bem de poucos...

QUANDO regresssei do Congresso de Braga, veio ter commigo um antigo companheiro de luctas em Coimbra, e pediu-me impressões do que assistira. Deilh'as tão vivas e tão sinceras como as que aos meus bondosos leitores transmitti na chronica passada. E elle respondeu-me:

—Afinal, de que vale o vosso sacrificio? Isto não se salva!

—Porquê? E' esse o grande argumento sob que se acoita a preguiça dos que decidiram cruzar os braços por outra coisa não poderem fazer, ou dos que afinal pouco realisam—exprobei-lhe:

—E' que eu, meu caro, sou pessimista. Reduzi-me á mais completa inactividade. Nada quero fazer. Para quê? Sou pessimista...olveu elle.

Despediu-se o meu amigo e eu... comecei a escrever um artigo commentando a *licção do Congresso*. A cada periodo, aquella phrase "eu sou pessimista" vinha ao meu espirito como um echo do passado e um incentivo ao vigor dos meus brados de acção, ás minhas affirmações de fé.

E á noite, a caminho da redacção onde trabalho para casa, puz-me a reflectir no pessimismo e na esperança da juventude crente.

Claro que esta em nada é comparavel ás anciedades esperanças dos que enfileiraram nas hostes do regimen vigente e batalham nos campos da sua politica. Atravez das suas mais ou menos romanticas affirmações acérca da salvação da Republica, elles buscam sempre e continuamente uma co-

llocação, uma situação de dominio bem pago. Tanto assim que os ingenuos theoreticos como Alfredo Pimenta, recém-convencido da monarchia, foram e são tidos como suspeitos com meia dose de tolice e com outra meia dose de respeito. O ideal de todos os *partidarios* é invariavelmente o goso do poder, portanto um ideal de egoismo politico, visto como elles só comprehendem a salvação do paiz pela realisação do seu *programma* e esta por elles mesmos, devidamente situados nos altos postos do Estado—o que desde logo exclue a abnegação e circumscreve a sua fé a ambito diminuto e pobre, estreito e baixamente condicionado. Comp're-se esta pequena fé á fé dos crentes e sobretudo á fé dos jovens crentes,

e ter-se-ha deante da consciencia toda a differença que separa a esperança dos partidos da esperança da juventude catholica, esta mais larga, porque repouza fóra da terra e fóra do mundo e pelo que respeita á salvação patriótica, mais pura e mais subida porque é essencialmente moral, e a moral, sendo uma directora dos interesses, peira por isto mesmo muito acima d'elles.

Tracemos n'esta altura a balisa, cavemos agora o profundo fosso, para além dos quaes se estendem os pantanos do pessimismo nacional.

N'elles se afundam em primeiro loger aquelles que como o meu amigo, muito cedo, prematuramente, cruzavam os braços e inciteram seus espiritos, olhando a loucura destruidora dos demagogos senhores do poder, admiravelmente servida pelos inconscientes chefes d'opinião, leigos ou religiosos, que em subservencias interminaveis gastam um precioso tempo que a acção reclama.

Logo depois veem os Jeremias da realza, que perderam os seus logares, e todos os dias condemnam a inercia do paiz, a covardia geral, a indifferença (não usemos nome mais feio) do exercito, e que todavia nas horas em que são chamados ás decisões do sacrificio, ficam á janella de casa noite fóra a vêr se ouvem estallar... o movimento!

Observe-se finalmente que tudo isto se faz e passa n'um paiz a quem a tradição foi roubada ou quebrada em 34 e 36, e vêr-se-ha que o pessimismo é sob o ponto de vista portuguez não um motivo de redempção mas um alento dado ao vicio, que elle conduz necessariamente á ruina moral e politica da nacionalidade, á dissolução effectiva de todas as forças conservadoras,—como ainda ha pouco se constatou na eleição do jury commercial do Porto, em que os radicaes venceram por 409 votos de maioria, ou no afan estúpido com que *una voce* os sebastianistas da derrota suspiram e exigem a ida dos radicaes ao poder... para acabar isto!

Foi-lhes feita a vontade: voltou ao poder o sr. Affonso Costa mail'o seu rebanho de nullos. Mas os senhores vão vêr... Deante das violencias do chefe democratico, os que pediram o seu triumpho, deixarão que elle faça *isto* em casos, mais do que o que está. E a juventude catholica, a legião da esperança, essa continuará combatendo as audacias jacobinas sacrificando-se em massa, trabalhando pelo revigoramento moral, uma condição da rehabilitação, do levantamento d'esta raça, que anda a bradar na noite do seu destino os versos do louco da *Patria* do Junqueiro...

F. V.

VIDA INTENSA

Saias e Philosophia

ENTRE a immoralidade do malicioso chronista londrino, apontando á França, o caminho porco da polygamia e a irreverencia bizarra, d'aquelle americano *blaguer* poetizando a moda gaiata da saia curta, não sei francamente por onde escolher. O cynismo litterario d'um e o idealismo requintado d'outro, dão positivamente a mesma dose de exhibicionismo. Pelo vislo, é uma doença que alastra, contagia, toma o caracter perigoso d'uma epidemia grave, infiltra-se como um veneno subtil. E' um microbio galante, um bacillus mundano, que deve ter surgido na *terruse* d'algum café de Paris, e que persistente, absorve, domina uns dois terços senão metade, da velha humanidade. E' a sua peor doença, o seu grande perigo. Na sombra, no silencio, o recondito mysterioso silencio dos ignorados, o perigoso bicharôco corroe tranquillamente os ultimos restos do senso commum.

Na politica, na arte, no negocio, na sciencia, o exhibicionismo é o mais poderoso inimigo da inicialiva humana. E' sempre uma manifestação de fraqueza, uma expressão d'inferioridade, mas como os grandes espiritos mais francamente se dão a tão perigosos devaneios, d'ahi lhe vem a gravidade e o perigo.

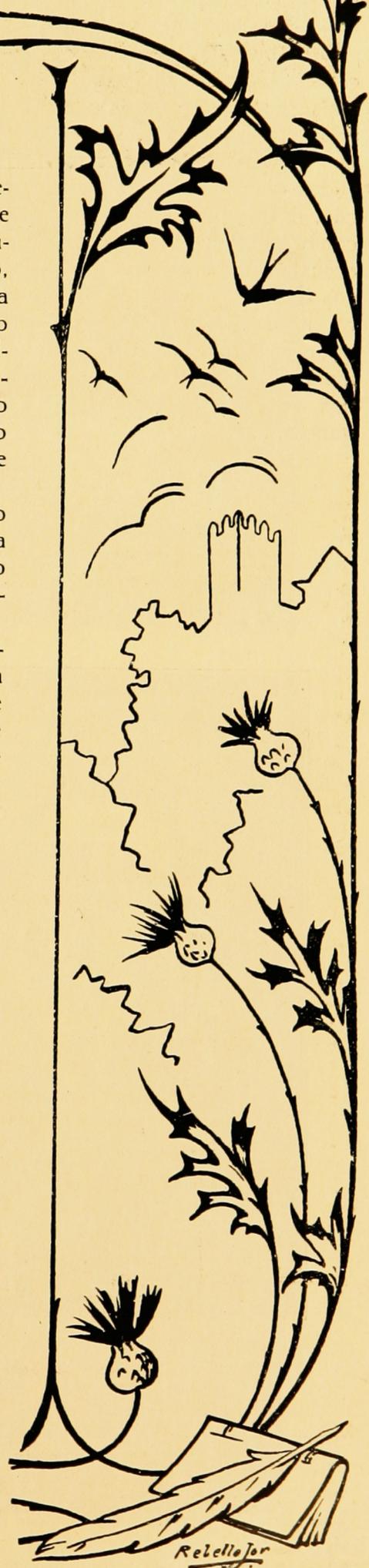
Um artista, um esculptor, realisa a sua obra, anima o seu sonho, corporisa a sua visão e concluida a amavel tarefa, vê n'essa figura traços de vulgaridade; morde-o um intimo segredar de vaidade e não sentindo, não querendo vêr que a originalidade, a maneira de fazer está na pessoalidade com que concebeu, com que realisou e não na obra realisada, procura distanciar essa figura do corrente e consegue um monstro,

Um romancista synthetisa as suas observações, os seus conceitos n'uma alma que phantasia e anima, mas entende que o seu esforço honesto, a sua sinceridade, franca, não são sufficientes d'interesse e faz d'essa alma uma coisa arrevesada, extranha, doentia. São criminosos, o artista, o romancista, o pintor que fizeram das suas obras esse irritante conjuncto de côres arrevesadas, de sensações subtis, de requintes morbidos?

Não. São apenas victimas da sociedade em que vivem, da epocha social que maream, da athmosphera que respiram, eivadas, terrivelmente eivadas d'esse *virus* destruidor e corrosivo.

Quantas poderosas, exuberantes organizações artisticas a aza negra do exhibicionismo tem arrastado, empurrado para um tragico fim. Quantas almas, quantos lares, quantos sonhos bisarros de felicidade, esse demonio traquina, tem arrasado, esmigalhado! E no entanto o homem cada vez mais se sujeita, melhor, mais passivamente cede á sua acção.

A moda foi o *commis-voyageur* d'esta calamidade. Levou-a de terra em terra, hospedou-a nos corações, installou-a commodamente de norte a sul, desde a Europa aos confins d'America, accendendo enthusiasmo, suggerindo paixões, tresloucando cabeças... Hoje vae nas paginas d'um romance: amanhã nos moldes extravagantes d'um

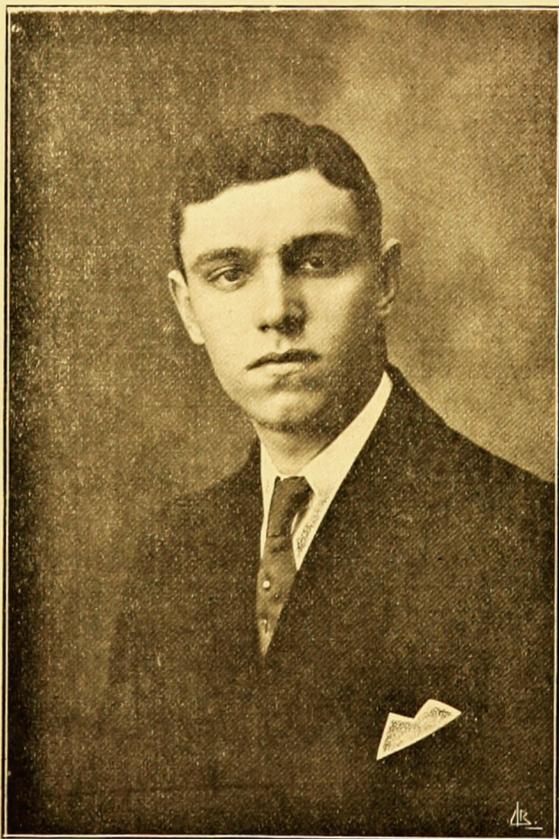


figurino. E o peor é, que cada capricho tem o seu cantor, cada desvario o seu entusiasta proselyto. Mas tudo tem limites.

O poeta americano pode seguir no seu caminho incerto d'exhibicionismo mas não pode nem deve cantar—a saia curta. Pelo menos — craia—pela fôrma que o faz.

A tal saia enfunada de roda batendo na carcella estreita d'uma bota á Frederica, ser a mais galante prenda de vestir, isso é que não pôde ser... a tal fraldeca curta, que vae fazer das nossas elegantes, frescas, risonhas, arregaçadas ovarinas, constiluir a mais arlislica creação, é que não pode ser. Eu aprecio o apenas como um symptoma do desvario da moda, que assustadoramente vae simplificando os processos de vestir. Vestir?! Não, meu poeta caturra, não. Das mulheres actualmente, já se não pode dizer que se vistam com goslo, porque a moda, essa demoniaca combinação subtil, apenas se esforça em as fazer... despir com elegancia...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.



João Pereira Feio Pimenta de Castro.

Laureado quartanista da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa que este anno fez, brilhantemente, acto de 15 cadeiras, sendo quatro da Escola Colonial, onde terminou o curso com elevadas classificações. Foi o unico alumno que conseguiu, na mesma epocha de exames, tão honroso resultado.

A' VIRGEM MARIA Padroeira de Portugal



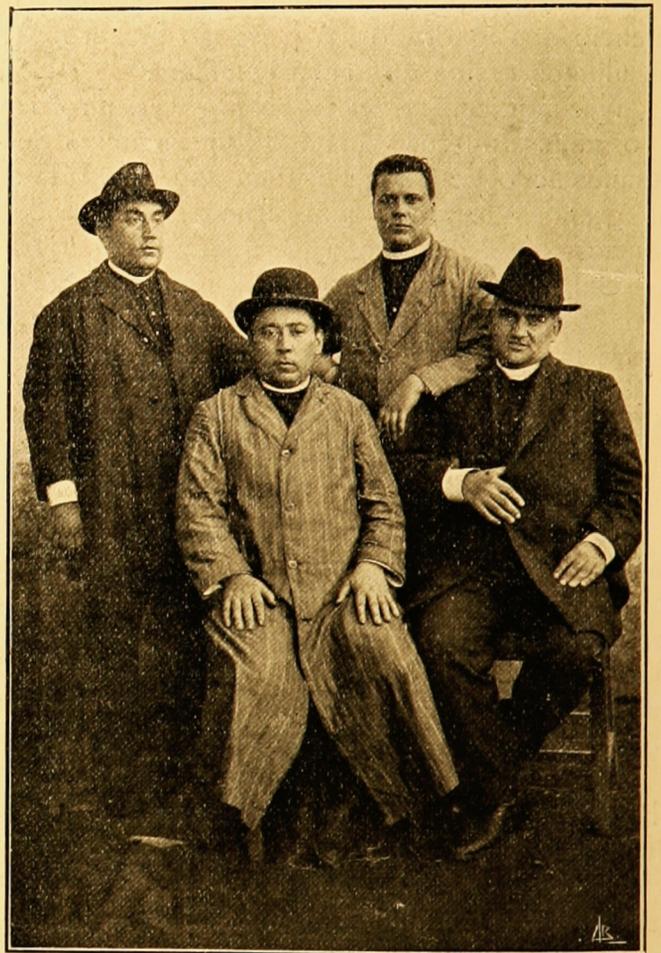
Ao teu olhar desmaia a estrella d'alva!...
Ao teu olhar desmaia a luz do dia!...
E a esse teu olhar que guia e salva
possa eu, como a um luar, morrer Maria.

Quer seja agua azul de uma bahia,
quer seja n'uma rocha agreste e calva,
quer seja n'um mar alto e verde malva,
vejo sempre esse *quid* que exthasia!...

Meu ser ardente, impetuoso e bravo,
a esse extranho poder tornou-se escravo,
cada vez mais feliz em ser activo.

E apoz tantos milhões de desatinos,
de rastos, aos teus pés tão pequeninos,
só quando enfim morrer, dirá: — *Eu vivo!*

GOMES LEAL.



Achadinha-S. Miguel (Açôres) — Grupo de sacerdotes, que no dia 22 de setembro ultimo celebraram o primeiro decennio da sua ordenação sacerdotal

(Sentados), da esquerda para a direita:—Padre Urbano Pacheco de Mello, Parocho do Fayal da Terra, e Padre Guilherme da Silva Cabral, cura de S. Braz. (Em pé), da esquerda para a direita:—Padre Manuel Pereira Dias, Vigario dos A rifles, e Padre Francisco de Medeiros Correia, Parocho da Achadinha, em casa do qual se effectuou a reunião e a cuja amabilidade devemos esta photographia

F A C T O S



Nas margens do Tamega—(Galinheira)

Ha dias um grupo de senhoras da mais fina sociedade flaviense, foi em momentos de folga recreativa, dar um passeio encantador e deslizar aprazível sobre as aguas tranquilas e serenas do rio Tamega.

E', em verdade, um enlevo que captiva, percorrer as margens d'este rio, tão cheio de poesia e de murmúrios de

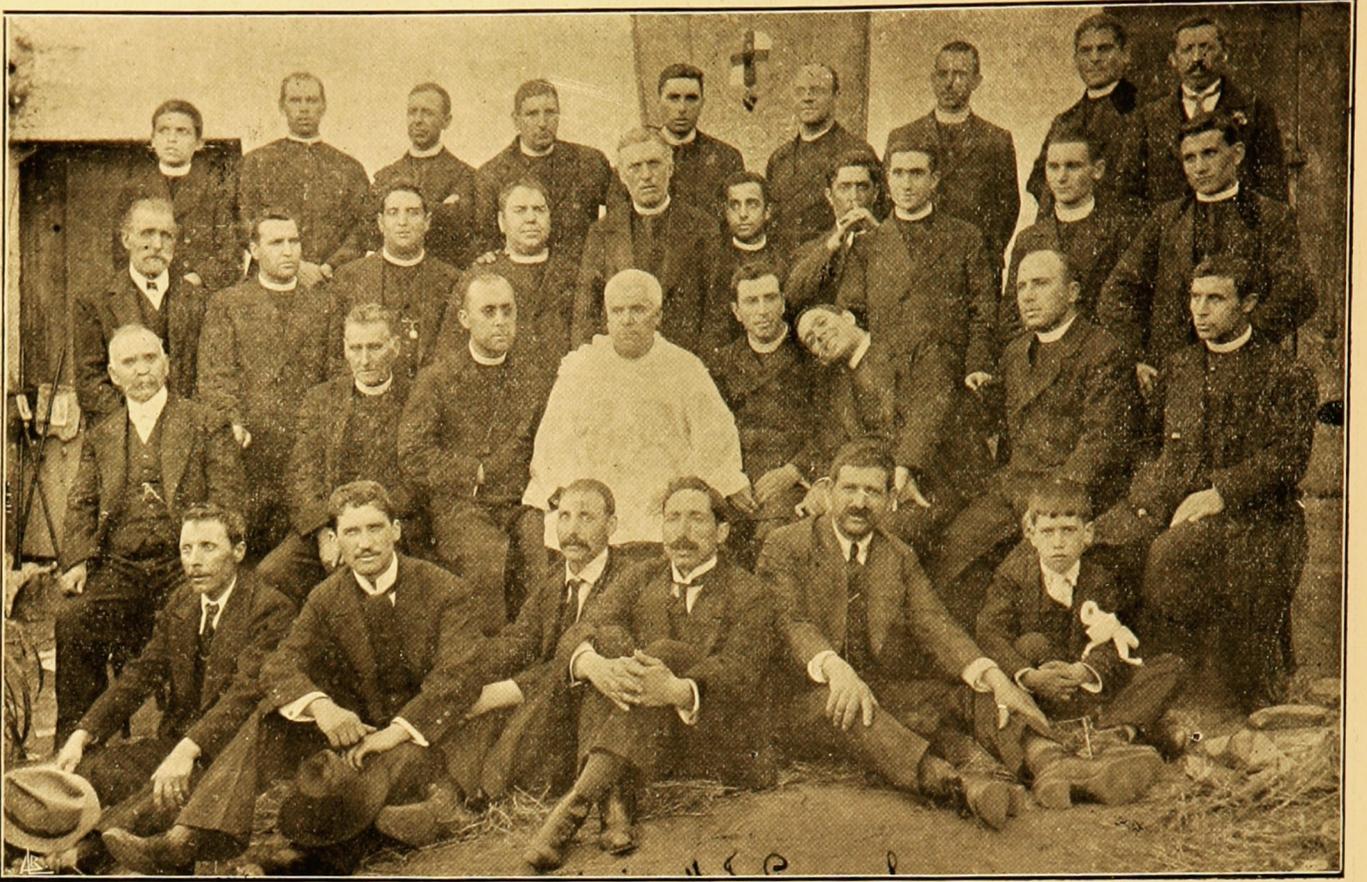


suavidade, digno de ser cantado por Camões como o foi o ro' mançoso Mondego, que banha as faldas da bella Coimbra.

Atravessando em toda a extensão, o grandioso vale que ao longe se prolonga infinitamente, deixa atraz de si um sulco fertilisante de bençãos, que semelha um gracioso sorriso aberto a todos os encantos e a todas as maravilhas.



Regresso do aprazível passeio



ARMAMAR— Grupo de sacerdotes e leigos que assistiram á festa da 1.ª communhão de creanças nas Bôdas de prata do snr. Padre Balthazar de Cimbres, e tambem ao jantar em 20-7-915

1.º plano:—Padre Agostinho Fernandes; Padre Adriano; Padre Avellar; Padre Joaquim Pinto; Padre Fausto Alvim; Padre Tolda; e Padre Tavares

2.º plano:—Victorino Valente; Padre Francisco José Agostinho; Padre Jeronymo Vasconcellos; Padre José C. Carvalho; Conego Illydio; Padre Annibal A. Saldanha; Padre Ismael; Padre Roque; e Padre Manuel Alexandre C. Soares

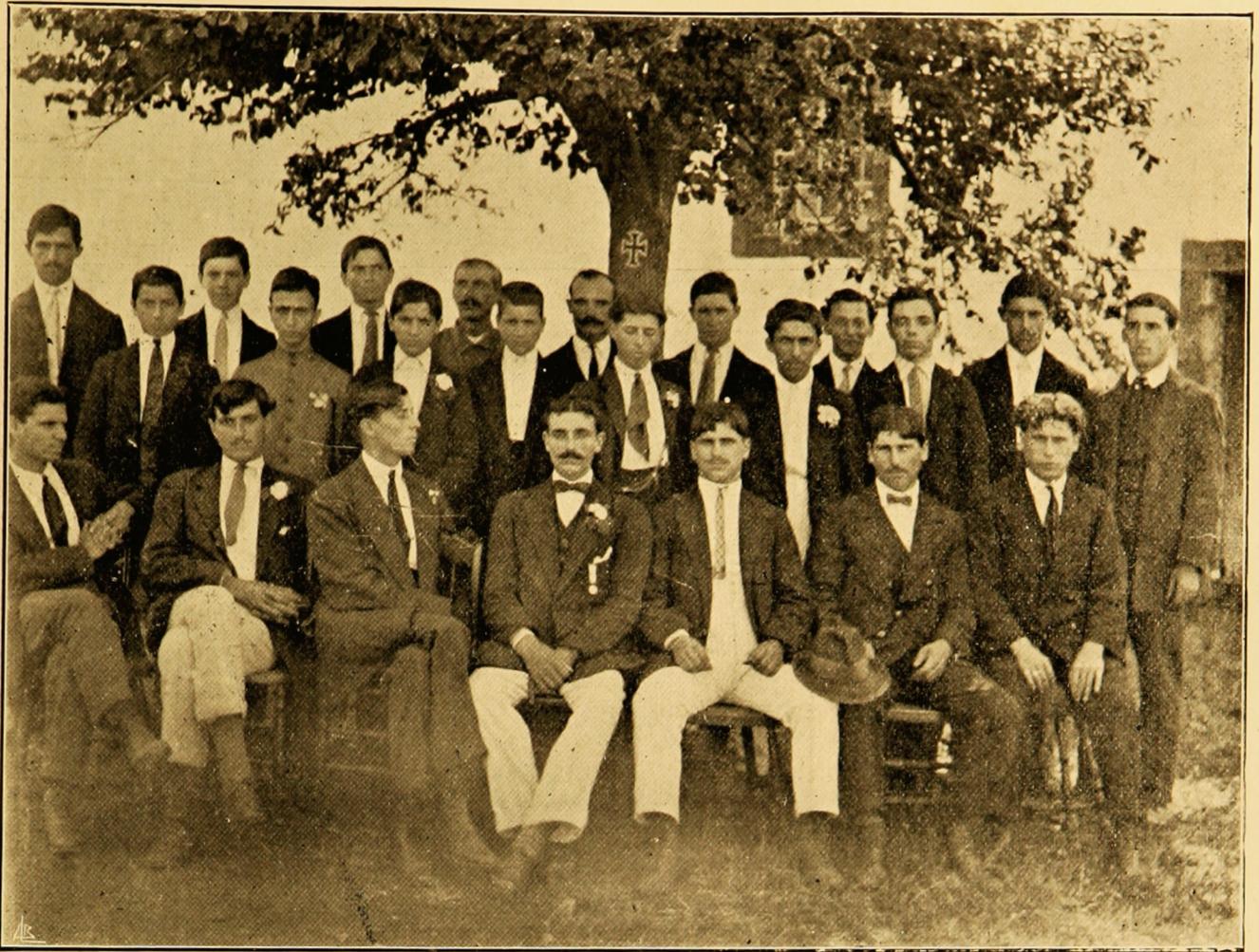
3.º plano:—José Pinto; Abbade Manuel Cardoso; Padre Joaquim Lacerda, Arcypreste; Padre Balthazar; Padre J. Motta, Arcypreste; Rev. Dr. Gama; Padre Abilio Lacerda; e Padre João Lacerda

4.º plano:—Francisco Ribeiro; Manuel Gonçalves; Dr. Carvalho; e Dr. Silva

(Phot. Bertolomeu J. F. Ribeiro)



BRAGA—Avenida Central



ILHA DO PICO (Açôres)—Socios installadores da J. C. Boa Nova

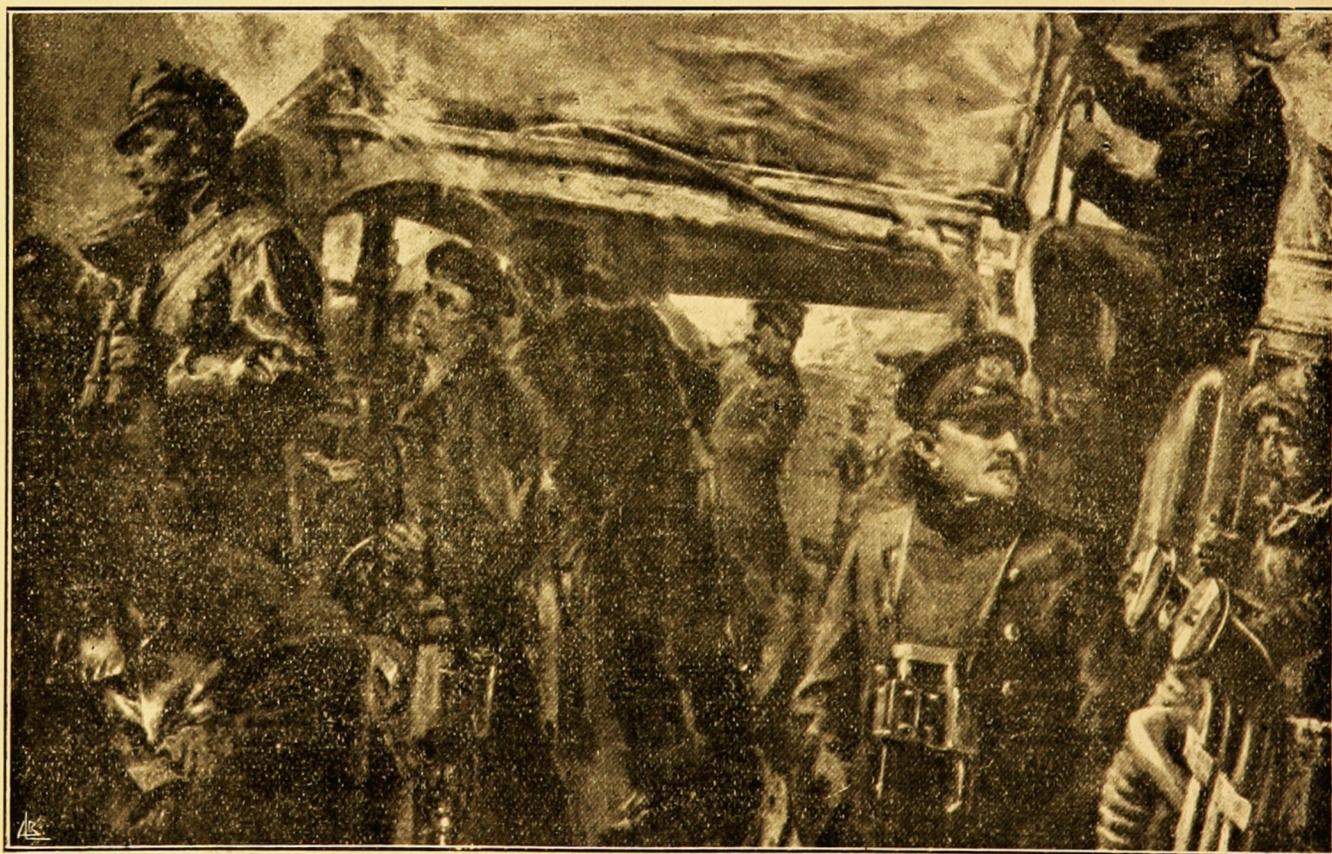


Socios installadores da J. C. B. N. (Açôres). De pé: o Grupo scenico

A Guerra Europeia



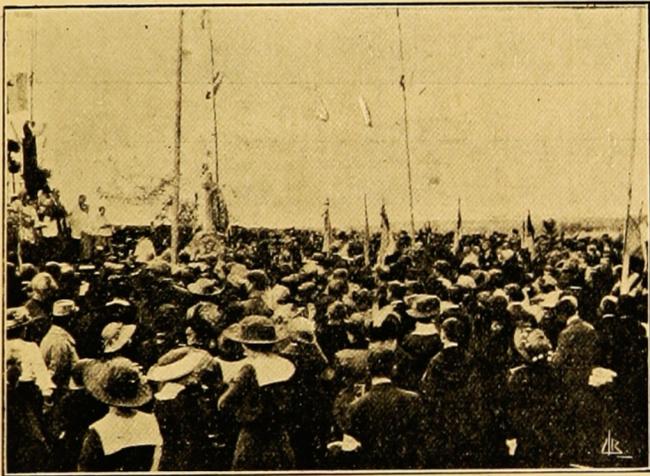
NO CAUCASO—Uma columna russa tomando uma posição aos turcos



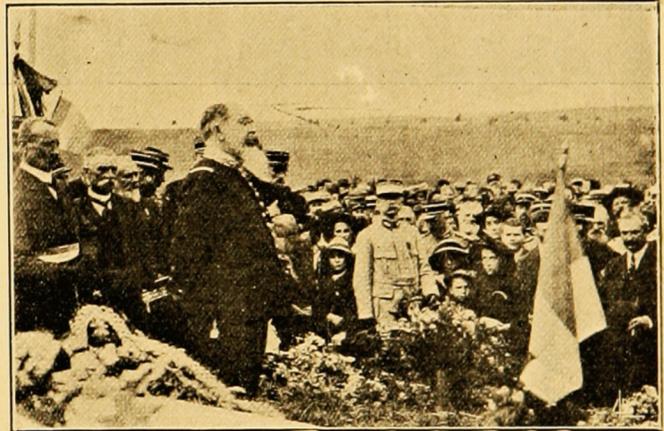
NO MAR DO NORTE—A tripulação d'um torpedeiro allemão descobrindo um navio que d'alli a momentos o atacou traiçoeiramente



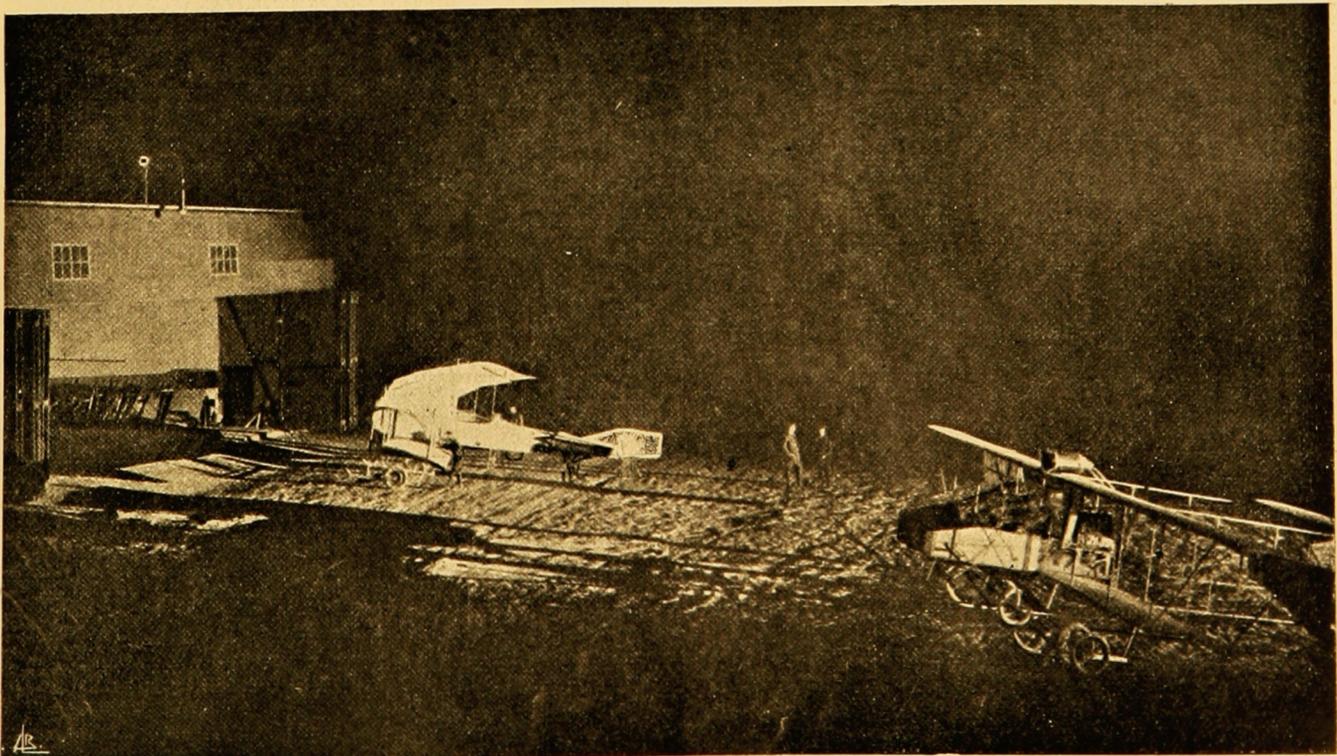
Tristezas da guerra—Camponeses russos deixando os seus lares que em breve serão saqueados.



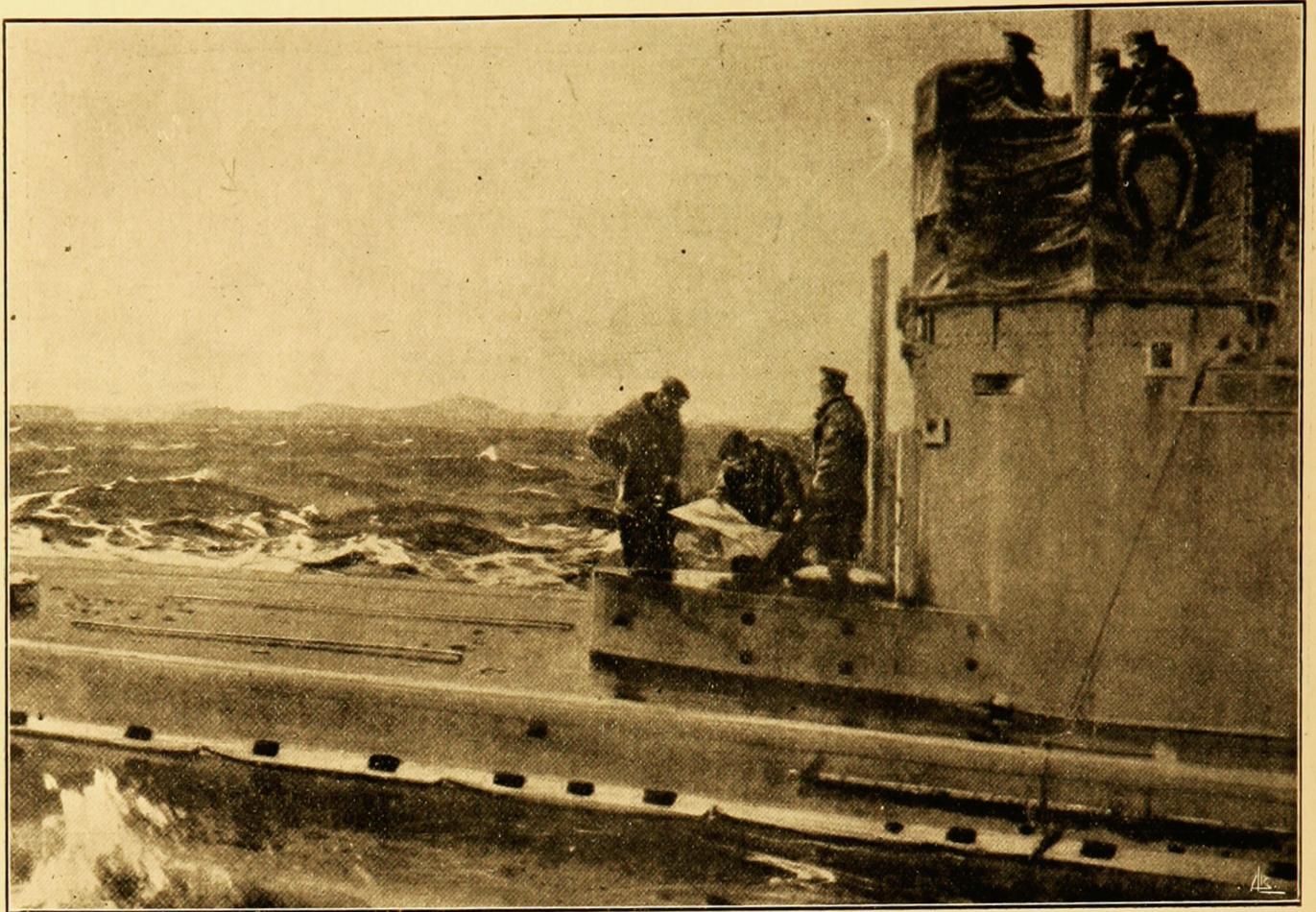
O publico ouvindo missa por alma dos soldados mortos em campanha



O general X... discursando junto às campas dos heroes



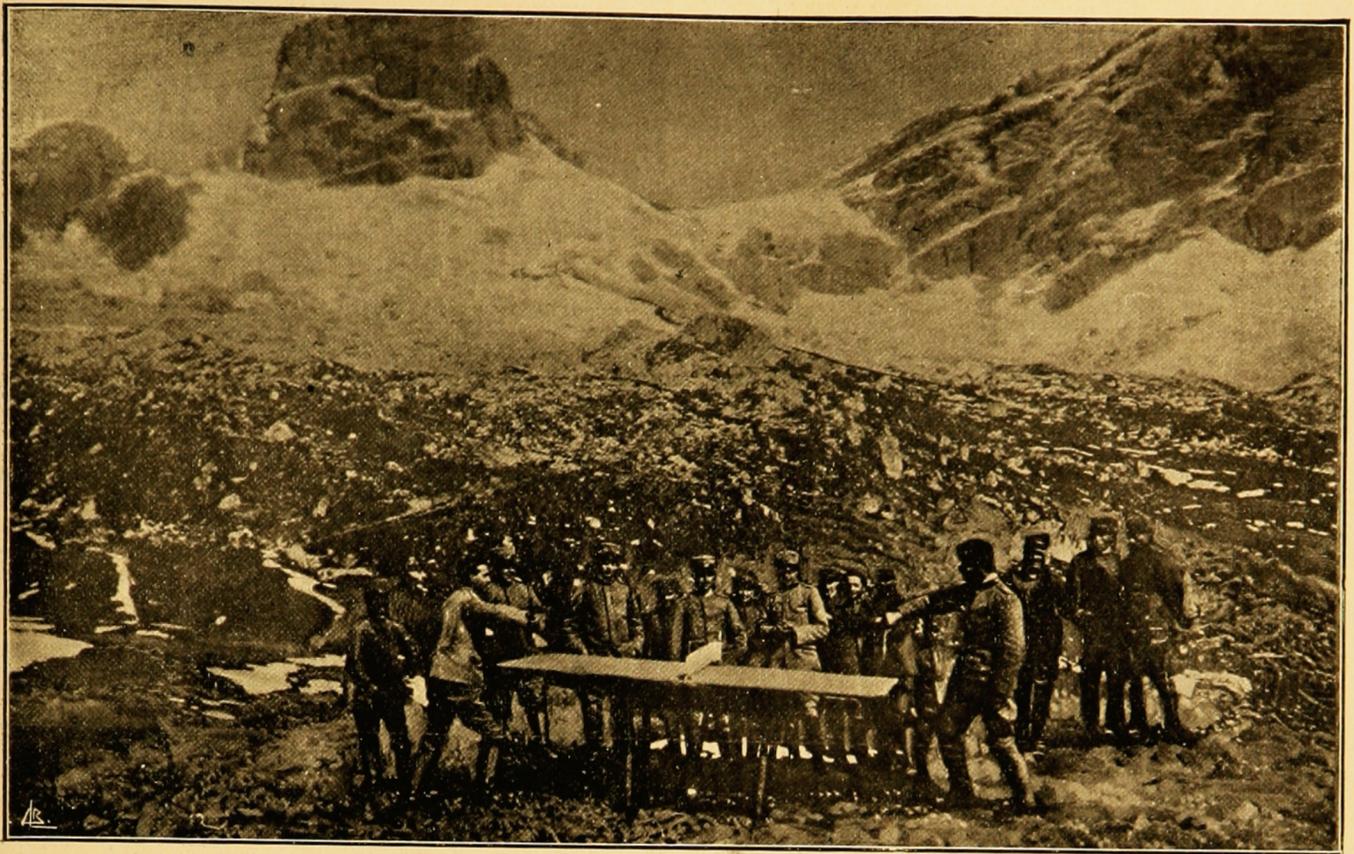
De noite—Um holophote britânico illuminando um campo de aviação



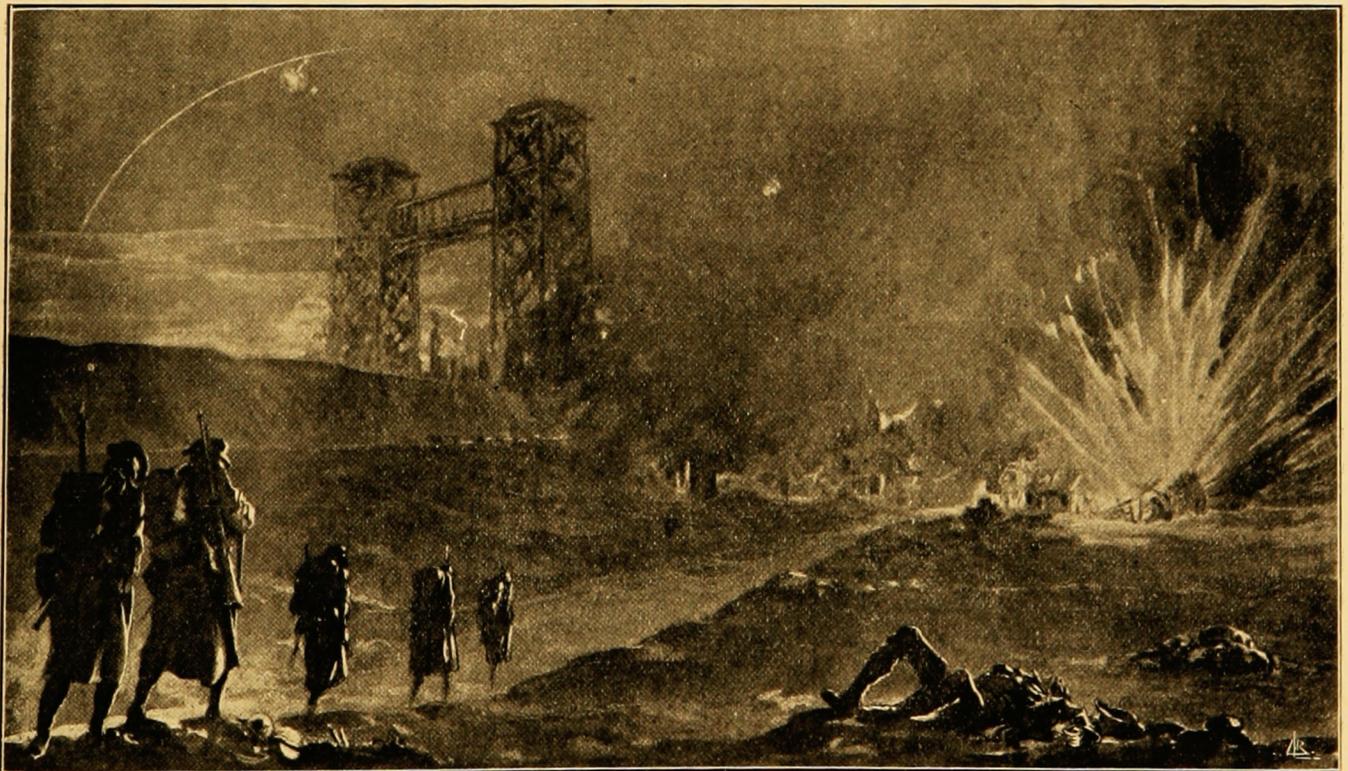
*A bordo de um submarino inglez no mar do Norte.
O commandante do submarino, estudando o mappa juntamente com os seus ajudantes.
Ao longe vê se a costa ingleza.*



*PROXIMO DE SEMENDRIA
Uma ponte construida pelos engenheiros austro-allemaes, para facilitar a travessia do Danubio
E que depois serviu de quartel general por algumas horas*



Os officiaes italianos jogando o "ping-pong" n'um acampamento nas Montanhas de Trentino



EM LOOS

*Os soldados inglezes, regressandos da trincheiras.
Ao longe rebenta um obuz allemão que destroe uma casa de campo.*

Anecdotas • historicas

Ditos • e • pensamentos



A philosophia e a rhetorica

philosopho Aristippo foi chamado ao tribunal e teve por advogado um joven orador, que pronunciou um discurso muito florido e engenhoso. O tribunal absolveu-o porque a calumnia era evidente, mas o advogado julgou a sentença devida á sua rhetorica e disse a Aristippo :

—De que te serviu a philosophia que aprendeste com Socrates?

—De que me serviu?! Serviu-me de ter um procedimento pelo qual tudo o que disseste, em minha defeza, foi verdadeiro.

O bobo do re

Carlos V e Francisco I encontraram-se em Loches, na Touraine, d'onde o rei conduziu o seu hospede, de festa em festa, pelos seus formosos castellos do Loire, e por Orleans e Fontainebleau até Paris. Todavia o imperador tinha razões para crêr que, a seu respeito, varias pessoas davam a Francisco I maus conselhos.

O bobo do rei tinha uma carteira a que chamava o kalendario dos doidos, e em que escrevia os nomes de todos aquellos que julgava dignos de serem seus collegas. O folião mostrou ao rei o nome do imperador inscripto no seu kalendario, em vista da imprudencia de Carlos em atravessar a França. Disse o rei:

—Mas se eu o deixar passar livremente?

N'esse caso, replicou o bobo, riscarei o seu nome para pôr o vosso.

Francisco I não lhe deu ouvidos.

Henrique IV e o duque de Mayenne

Ia no epilogo a sanguinaria guerra entre catholicos e protestantes, assignalada pela carnificina da noite de S. Bartholomeu, em Paris. O duque de Mavenne, resistiu muito tempo, mas até esse reconheceu Henrique IV, a quem se apresentou no castello de Monceaux, em Brie. O rei abraçou-o levando-o para os jardins e começou a passeiar a passo largo. Mayenne, que era gottoso e gordo, acompanhava-o suando por todos os póros. O rei parou enfim.

—Diga a verdade, primo, eu ando muito depressa; deve estar estafado.

—Em verdade, sire, se continuaes a correria, era uma vez um vosso servo.

O rei deu uma gargalhada, abraçou-o novamente, e, estendeu-lhe a mão:

—Ora, vamos lá, toque n'esta mão, e fique certo que será este o unico incommodo e o unico damno por que terá de accusar-me.

E beberam duas garrafas de vinho d'Arbois.

A invencivel armada

A armada que Philippe II de Hespanha mandou contra a Inglaterra foi destruida pelo temporal. Quem primeiro recebeu a infausta nova foi o valido D. Christovam de Moura, que entrando na camara real se limitou a dizer que tinha chegado o correio. O rei lendo-lhe no semblante o destroço da *invencivel armada*, disse serenamente:

—Mandei a armada para combater com homens e não com os ventos.

Tristeza de Themistocles

Moço ainda e apesar de amado e estimado de toda a Grecia, Themistocles era sombrio e triste. Aos que lhe perguntaram a causa da sua melancholia, respondeu:

—Por ser amado e estimado de todos estou triste, pois que tão geral amizade é signal de que ainda não pratiquei acção tão honrada que me grangeasse inimigos.

Principio e fim das gerações

Um fidalgo soberbão e de costumes depravados lançava em rosto a Iphicrates o ser filho d'um sapateiro e por isso indigno de figurar antre os principaes do reino. O philosopho retorquiou-lhe:

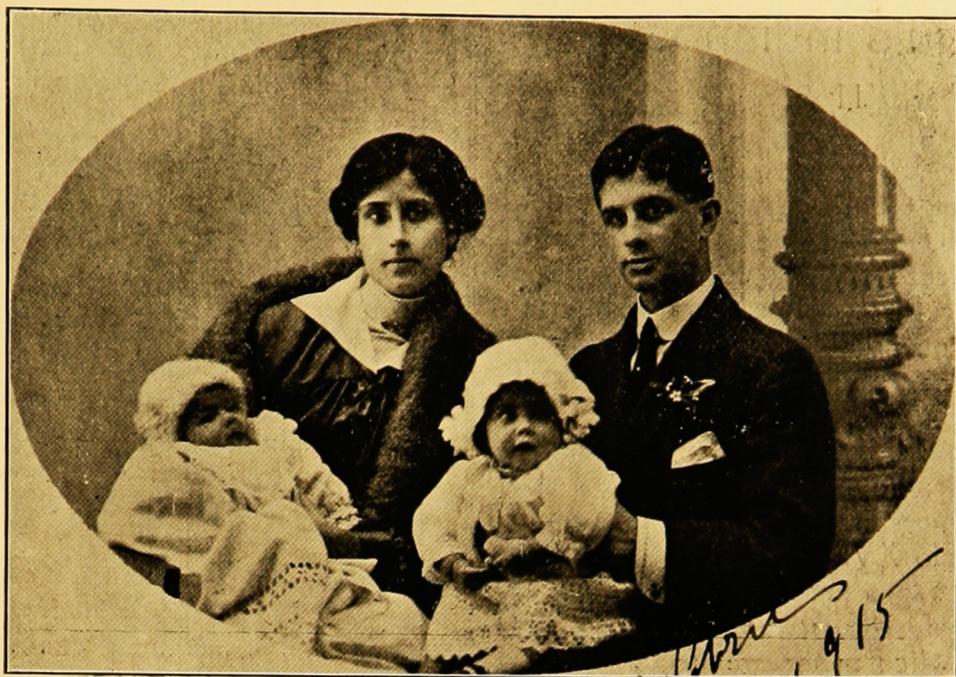
—A minha geração principia em mim, mas a tua acaba em ti.

* * *

Entre amigos não deve haver mais que um *sim* ou um *não*.—*Aquino*.

Os enfermos de amor não desejam sarar, —*Quintiliano*.

TITO FLAVIO.



O snr. José d'Abreu de Noronha Calheiros Pereira Coutinho, pranteado filho dos ex.^{mos} snrs. condes de Paço Victorino, com sua esposa e filhinhos, poucos mezes antes da sua morte

SAUDADE



Morrer em plena mocidade quando tudo sorri como em manhãs douradas de maio, onde a alegria se expande em jorros de luz, ouvir o plangente dobrar dos sinos, vêr amortalhada a felicidade, faz doer a alma, soluçar o coração.

Morrer na primavera da vida, quando as rosas do noivado exalam ainda perfumes d'amor, morrer quando o sol brilha e o luar argentea, é amortalhar o coração, é pôr crêpes na alma.

Assim sentíamos quando nas horas tristes de crepúsculo acompanhávamos chorando quem tanto perdera...

N'uma casa solarenga, onde outrora reinava alegria, fizera-se dona, a dôr implacável, ceifando uma vida preciosa que reunia todo um poema d'amor.

A alvorada fôra de rosas brancas côr d'opala como a Estrella da manhã.

O formoso *Lethes*, que banha a casa historica onde um par idyllico abrigava o seu sonho d'amor, ia embalando nas aguas côr de saphira aquella felicidade sem igual, mas, ella que dura como as rosas de maio deixou de sorrir e a aza negra do infortunio adejou sobre ella.

Morreu, foi a voz cavernosa da morte que espalhou a

noticia fatal e fez derra nar lagrimas amarissimas por aquelle moço estudante, José d'Abreu de Noronha Calheiros Pereira Coutinho filho mais novo dos Condes de Paço Victorino, que era um modelo de filho, marido e pae.

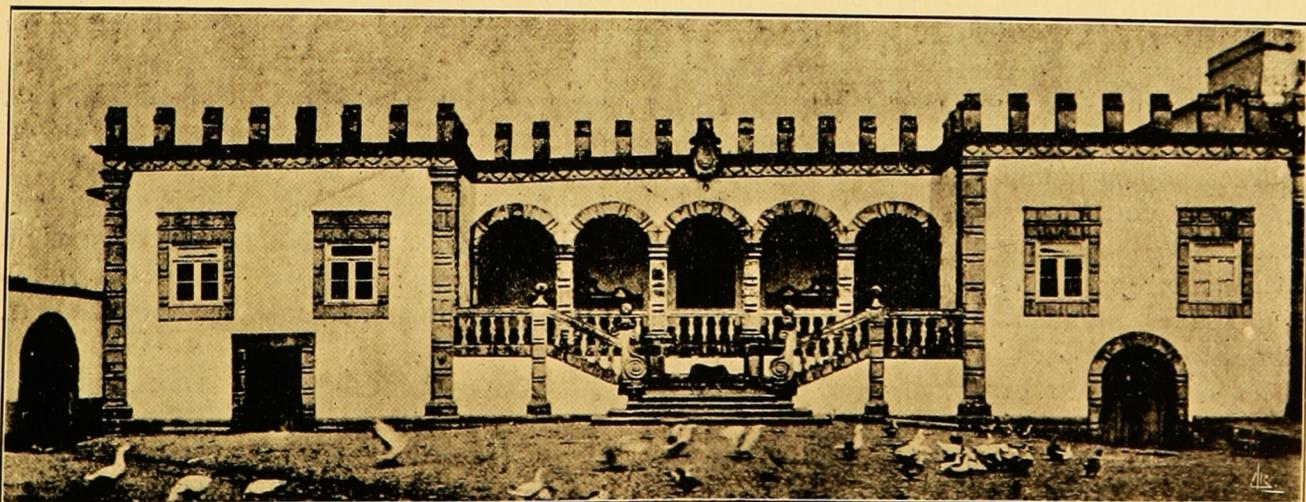
Nós que o conheciamos desde a infancia sabiamos o o que valia aquella alma generosa toda dedicada ao amor do seu lar, amor que lhe partia o coração quando pouco antes sua filha Maria Margarida se lhe desprendia dos braços tremulos d'angustia para os dos anjos que lh'a transportaram ao Céu...

Dobram os sinos a finados dentro dos corações doloridos e milhares de pessoas a quem os sons funereos tanto magoam, veem render a ultima homenagem a Paço de Victorino, onde amortalhado na sua capa negra d'estudante o juvenil herdeiro de tantas tradições fidalgas, está estendido no esquite coberto pelas flôres que a saudade alli espargira orvalhadas de lagrimas.

E a nós vendo-o tão sereno deitado entre as flôres vem-nos ao pensamento a visão suave da felicidade beatifica que Deus tem preparada para aquelles que o amam e que é tão grande que fez dizer a São Paulo, que nunca se viu nem sonhou ventura egual.

Lá o veremos um dia ao que chamamos agora, porque a nossa esperança é-nos mortal.

MARIA SALOMÉ.



PONTE DO LIMA—Paço Victorino

Croquis indianos

II



ÃO longe e nunca voltam esses bellos tempos em que a India foi a Princeza do Oriente.

Volveram seculos... Hoje o soberbo padrão de gloria convertido em um ignominioso padrão de vergonha é uma flôr que um sôpro tomba descolorida, no pó...

Vasco da Gama, o grande capitão realizou a maior descoberta e a mais ousada do seu tempo, quando na grande ampulheta do tempo agonisava o seculo XV.

Sulcando as vagas procellosas do *Mar das Trevas* a golpes de remos, dobrando o Cabo que um genio poetico metamorphoseou em um monstro, costeando a Africa toda, ajudado por uma profunda sagacidade alliada a uma audacia extraordinaria, desvendou um oceano «nunca d'antes navegado» — o Indico — o que constitue a mais brilhante epopeia dos feitos portuguezes e o mais grandioso escripto dos tropheus lusos que rebrilham como estrellas em noites de primavera.

A tenacidade da escola de Sagres effectuava-se a maior revolução politica e a mais proficua evolução economica e social, e uma geographia cincoenta vezes secular transfigurava-se inteira!

Decorria o seculo XVI. Albuquerque, o estadista tão genial como o mais habil general do seu seculo seguindo na pegada do grande navegador, convertia o Oceano Indico em uma via de commercio christão paralyndo o commercio dos arabes, e estabelecendo os portuguezes na parte principal da India e tomando Goa em 1510 reservava para si e para Portugal o credito de ser o primeiro a dar uma forma pratica á ideia de estabelecer um imperio no Oriente «que tanto sublimaram».

Se só é legitima e nobre a conquista que se traduza, directa ou indirectamente, em beneficio material e moral dos povos conquistados, ou aquelle em que se mostra a perfeita conciliação dos interesses ou vantagens proprias que o conquistador teve em mira com os beneficios que d'ella aufera tambem o conquistado, os portuguezes podem ufanar-se de ter feito, primeiro, alguma cousa de melhor e de mais alta valia moral, de ter conquistado almas para a sua civilização, approximando-as do Occidente, attrahindo-as e prendendo-as, com os graves liames pacificadores de catechese christã, a sua communhão espiritual, e d'esta arte dissipando n'elles o velho e arreigado preconceito de supposta incompatibilidade social, educando-as e chamando-as, amavel e igualmente, ao seu convivio civico, sem outra clausula ou condição que a de seus meritos e virtudes.

A nacionalidade vigorosa affirmara-se pujante no Oriente e por quasi oitenta annos Portugal foi a mais forte potencia das Indias Orientaes.

Depois de enviar frotas consecutivamente, uma após outra ao longo do Cabo da Boa Esperança e depois de lutar e derrotar o arabe, a «mourama», o veneziano e o genovez que lhes oppunha, resistencia tenaz, os portuguezes apossaram-se de varios pontos no sul da India e fundaram a magnificente cidade de Goa. Tão ricos se tornaram que nas casas dos mercantes em Goa, todos os vasos e ornamentos eram de oiro. Na verdade, tão commum era a prata que em muito pouco era ella estimada n'aquelles dias.

Habituados á lucta e ao trabalho, educados na forte escola das fronteiras indomaveis, guardando na alma uma centelha d'aquella fé e d'aquelle heroismo que se haviam enlaçado, idealizando-se na epica e sublime figura d'um Gama, d'um Albuquerque, d'um Castro ou de um Pacheco, os portuguezes de então poderam correr ao appêlo do destino que Deus lhes marcara. Portugal estava á altura da sua missão.

O mundo olhou admirado o pequeno povo de grandes que, mal sahido da sombra, se criava logo uma auréola de tanta luz!

Mas os seus sonhos de imperio esvairam-se como espiraes de fumo na immensidade do espaço.

Absorvidas na homerica empreza, admirados de que toda a obra colonial de que essas descobertas e conquistas offerciam o embrião, carecia para manter-se e desenvolver-se de almas eguaes ás almas que tinham concebido o plano sem uma duvida; de braços eguaes aos braços que a tinham executado sem um desfalecimento.

E a consequencia seguiu que hoje tudo está mudado.

Esses bellos tempos escoaram-se na ampulheta... para sempre!

E hoje? Atravez dos seculos, a India Portugueza, o mais bello florão do imperio portuguez do Oriente é tão diferente d'aquelle tempo! Se então era um pallido reflexo do antigo e grande emporio indo-portuguez, agora esse mesmo reflexo apagou-se e nenhuma luz brilha por entre as ruinas do que foi Goa. As instituições acabaram, os grandes estabelecimentos fecharam, e, se a fouce que tudo deitou por terra cuidou melhor o terreno, o resultado foi bem diferente: do pouco que havia nada restava e, a substitui-lo nada veio de melhor, nem de igual.

Goa está desfigurada como uma velhinha de faces rugosas vergando ao pezo dos annos, sacudida pelos vendavaes da sorte.

Os seus pequenos rios, uma suave brisa encrespando as suas superficies glaucas, a serpear por entre os palmares d'um verde carregado, parecem soluçar, e o vento a gemer fune-

bres agouros, como se na historia do seu passado nada achasse de epico e de sublime que lhe arranque uma lembrança, uma recordação consoladora, uma saudade...

Da grande India de Albuquerque nada resta que não desperte na alma a mais singella e pathetica das elegias, que traduz uma emoção palpitante.

De dia, o sol quente a aquecer as casarias brancas de telhados vermelhos, o goano sentimentalista trauteando um *mandó* cuja doçura só elle sente a passar pensativo pelas ruas, arrastando os toscos chinellos de coiro, ou o gentio cantar um *daknim* muito alegre, abanando a cabeça onde saltita o *kendi* escorregadio e untado de azeite de côco.

De noite, o sussurro solemne e grave das orações da tarde nos lares, phalenas a esvoaçar sobre as torres alvissimas das egrejas que se destacam em toda a parte, estrellas a brilhar, como olhos lacrimosos no empolgante espaço, o pallido luar a dar o realce d'uma visão quêda e sublime.

Todo um drama emocionante de commover até á lagrima a alma sensível d'um fanático pela Patria como o Jeremias lusitano, Thomaz Ribeiro, a quem as ruínas da Velha Goa inspiraram psalms em que o coração pulsa com mais força e a alma parece balouçar entre angustias.

Elle descrevia assim ao seu amigo, Padre Vieira de Mello, a sua profunda dor, e esperança d'um futuro melhor.

«O Estado da India Portugueza está decaído do seu antigo esplendor e da sua antiga valia. O astro, porém, não se perdeu; cobriram-n'o umas grandes arvores que lhe cresceram em volta. No fluxo e refluxo da sorte, quem sabe, o que amanhã será? As tempestades e a velhice são inimigos do arvoredado e na historia de todas as nações ha sol e ha sombras! O homem que não crê no futuro parece que vive e está morto!»

Quão doce é sempre... esperar!

(Goa)

JAYME VILLAR.



A vertigem do prazer



TODAS as vezes que pego nos jornaes, que mais ou menos descrevem as festas que uma certa sociedade promove, longe de me causarem prazer, sinto antes na minha alma, uma profunda tristeza.

Nós atravessamos uma epocha de vida de-veras excepcional; o dia de amanhã nunca foi

envolto com o veio de tão negro mysterio como nos dias presentes.

Uma onda de factos funestos, corre para nós com uma velocidade espantosa, sem que nós lhe possamos fugir; temo-la que suportar com a resignada paciencia dos antigos martyres christãos.

Não ha ninguem que não venha a soffrer quando ella nos bater á porta.

A vida cada vez é mais cara, as fortunas estão sujeitas aos mil caprichos da tremenda sorte, a qual pôde transformar-se em um verdadeiro cataclismo financeiro, a Fome e a guerra espreitam-nos ás nossas portas, e estes dois phantasmas, virão acompanhadas com a sua côrte de horrores e de cruentas dores.

E a nossa sociedade pensa em festas!

Ao passo que nos salões, a alegria paira desenfreada como em um sonho de loucura, os pobres já começam a chorar as torturas da negra miseria e da proxima fome.

Oh! contrastes da vida humana!

Abandonem por algum tempo esses bailes, essas recepções e pensem um pouco, que hoje, os dias não são horas de alegria, mas sim momentos para pensarmos maduramente no atro caminho para onde o Destino nos bem a passos largos.

Se lançarmos a vista para tudo que nos rodeia, veremos o imperio da Dor em quasi todos os lares, que até aqui estavam bafejados pela alegria.

Hoje por toda a parte se ouvem os choros de milhares de corações chagados de desgostos continuos.

O fogo da destruição arrasta na sua corrente infernal, campos, aldeias, cidades; obras primas de genio humano despadaçam-se em montes de ruínas, cadaveres de homens, mulheres e crianças, completam o fundo d'este quadro pondiosamente realista e tenebroso.

E a nossa sociedade pensa em festas!

Gente ruida pelo cynismo, corações que não sabem vibrar ao contacto da desgraça alheia.

Um dia vem, outros passam, correm os mezes e annos, e elles continuam a rir, como idiotas inconscientes de tudo que os rodeia.

E' triste dizê-lo: sociedade decadente em que os sentimentos humanitarios não passam de phrases palavrosas, que desaparecem como as estravagantes nuvens de fumo atravez do espaço.

Lisboa

Novembro, 1915

ALFREDO PINTO (SACAVEM).



Quando qualquer se alista n'um partido, como que faz voto de abnegação completa da sua vontade. E este voto é como os frades de obediencia, de pobreza, e de renuncia do mundo.

Scenas Modernas



Ella — Vem d'ahi ao foot-ball.

Elle — Não posso, que tenho de ir polir as unhas.

